

## ENTRE LUZ E QUÍMICA: BREVES REFLEXÕES SOBRE FOTOGRAFIA ANALÓGICA E DIGITAL NA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA

CAMILA NIEMANN LOPES<sup>1</sup>; PAULA GARCIA LIMA<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Camila Niemann Lopes – [camillaniemann3@gmail.com](mailto:camillaniemann3@gmail.com)

<sup>2</sup>Paula Garcia Lima – [paulaglima@gmail.com](mailto:paulaglima@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A fotografia, ou desenhos feitos com a luz, desempenha um papel fundamental em nossas vidas, servindo para registrar lembranças e comunicar ideias. Ela pode ser apreciada da mesma forma que admiramos a habilidade de um pintor em transmitir a atmosfera de uma cena, pois tem a capacidade de congelar um determinado instante do tempo para sempre (HEDGE COE, 2001). O aperfeiçoamento na arte de capturar boas imagens exige tanto o domínio do conhecimento técnico quanto uma habilidade artística em diversas proporções (LANGFORD, 2002). Contudo, a busca por uma imagem bem capturada pode ocorrer de diferentes maneiras, provocando experiências emocionais variadas para o fotógrafo. A técnica utilizada para registrar essa imagem tem, portanto, o potencial de intensificar ou suavizar essas emoções (HOPPE, 2008).

Durante o período de monitoria na disciplina de Fotografia, ministrada para os cursos de Design Gráfico e Design Digital do Centro de Artes da UFPel, observei diferenças notáveis entre a prática dos processos de fotografia analógica e digital, especialmente nos sentimentos externados pelos alunos - suas expectativas, desencantos e satisfações. Ao longo de 15 semanas, os estudantes foram incentivados a explorar ambas as técnicas, em aulas teóricas conduzidas pela professora responsável e em práticas realizadas no Ateliê e Laboratório de Estudos em Fotografia (ALEF), onde tiveram contato tanto com câmeras digitais quanto analógicas, além dos materiais necessários para revelar e ampliar as imagens advindas de processos analógicos em preto e branco.

O desejo de relatar essas experiências surgiu da observação de distintas reações dos estudantes frente aos resultados obtidos nas duas técnicas. Nas sessões de fotografia digital, os alunos demonstraram maior entusiasmo e menos hesitações, devido à possibilidade de corrigir imediatamente seus erros e realizar uma infinidade de testes, resultando em uma abordagem que exigia menos planejamento antes de apertar o disparador. Em contrapartida, no processo analógico, observei uma combinação de ansiedade, insegurança e apego na crença de que estavam realizando tudo corretamente. No entanto, em algumas ocasiões, essa sensação se transformava em insatisfação ou euforia em relação aos resultados finais, dependendo se alcançavam ou não suas expectativas. Essa dualidade entre a abordagem imediata e flexível da fotografia digital e a metódica e criteriosa da fotografia analógica motivou a investigação dos efeitos dessas técnicas no processo de aprendizagem e sua influência na apreciação, ou paixão, segundo HOPPE (2008), pelo ato de fotografar.

Este artigo, portanto, oferece uma reflexão sobre o papel das técnicas fotográficas no ensino, enfatizando as reações que emergem durante a prática da fotografia digital e analógica, abrangendo aspectos técnicos, mas dando ênfase aos

emocionais. Essa discussão será enriquecida pelas obras de HEDGE COE (2001), LANGFORD (2002) e HOPPE (2008), que fornecem uma base teórica sólida para explicar o funcionamento das técnicas, além de auxiliar na discussão sobre sua relevância na experiência fotográfica e na apreciação pela fotografia.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

As atividades realizadas ao longo das aulas teóricas e práticas proporcionaram aos alunos dos cursos de Design citados um aprendizado aprofundado dos fundamentos da fotografia digital e analógica. Sob a orientação da professora responsável, os estudantes foram introduzidos aos conceitos essenciais de exposição e fotometria, cujas bases estão na sensibilidade à luz, medida pelo número do ISO, no tamanho da abertura da objetiva (f-stop) e no tempo de exposição (frações de segundo), conforme descrito por Hedgecoe (2001).

Nas atividades práticas, os alunos puderam aplicar esses conhecimentos utilizando câmeras digitais fornecidas pelo ALEF. O exercício prático em campo possibilitou o teste de diferentes configurações de exposição, consolidando a compreensão dos conceitos teóricos. Durante o manuseio das câmeras digitais, surgiram dúvidas recorrentes sobre as funcionalidades dos equipamentos, como os botões de ajuste de abertura, o acionamento do disparador e a navegação pelos menus. Contudo, segundo Hoppe (2008), um pouco de paciência e curiosidade pode dissipar a inibição ou o medo de explorar essas configurações. Apesar das frustrações iniciais, especialmente com fotos superexpostas, borradas ou mal enquadradas, a capacidade de corrigir esses erros imediatamente incentivou os alunos a continuar testando e aprimorando suas habilidades. Durante essas aulas, os alunos realizavam testes repetidos até obter um resultado que considerassem satisfatório.

Com as câmeras convencionais, os fotógrafos iniciantes faziam suas fotos sem saber como seriam os resultados. Após a revelação, notavam que as fotos estavam desfocadas, muito claras ou escuras, e frequentemente faltavam partes importantes. Agora, com as digitais, tudo isso pode ser corrigido após o primeiro clique (HOPPE, 2008, p. 28). Esse trecho ilustra como a fotografia digital facilita o aprendizado, proporcionando maior controle sobre o resultado final e aprimorando a qualidade técnica das imagens em um curto espaço de tempo.

Após a etapa de experimentação com a fotografia digital, os alunos foram introduzidos ao processo da fotografia analógica. A captura de imagens em uma câmera analógica segue os mesmos princípios de fotometria do método digital, mas com a diferença de que os resultados não podem ser visualizados no visor da câmera ou em outros dispositivos eletrônicos, pois ficam armazenados em filmes, ao contrário das câmeras digitais, que possuem armazenamento portátil (LANGFORD, 2002). Essa limitação gerou certa incerteza e aumentou as expectativas dos estudantes, uma vez que capturavam as imagens sem a possibilidade de confirmar se estavam corretamente expostas ou focadas, sendo forçados a aguardar o processo de revelação dos filmes para avaliar a qualidade de suas fotografias. No entanto, essa incerteza também os levava a dedicar mais atenção aos aspectos de composição na hora de fotografar, bem como maior atenção nos parâmetros para a fotometragem correta (valores de abertura e

velocidade), exigindo maior precisão e planejamento antes de apertar o *click* do disparador.

Posteriormente, os alunos se dirigiram à sala escura do laboratório, onde iniciaram a parte química e física da fotografia analógica. Nesse ambiente, revelaram os filmes, ampliaram os negativos e realizaram o processo de revelação química no papel fotográfico. Esses procedimentos foram inicialmente ensinados pela professora e, em seguida, orientados pelos monitores.

Para qualquer forma de revelação, é necessário utilizar tanques à prova de luz. A regularidade é mantida por meio do controle cuidadoso do tempo, da temperatura e da agitação da solução. [...] Deve-se evitar a contaminação de uma solução por outra e proceder à lavagem para eliminar os subprodutos da emulsão. Os tempos e as temperaturas devem ser mantidos dentro das prescrições (LANGFORD, 2002, p. 221).

Conforme descrito por Langford (2002), o processo de revelação dos filmes foi conduzido com rigor metodológico, guiado pela professora e executado pelos estudantes. Essa experiência contribuiu para uma compreensão mais aprofundada e técnica do processo fotográfico analógico. Após o filme revelado, os alunos ampliaram as imagens em um ampliador, parte fundamental para a visualização das fotografias em positivo.

O ampliador é a peça mais importante do equipamento de impressão. Ele é concebido como um projetor de baixa potência, montado verticalmente. A lâmpada situada no compartimento próprio ilumina o negativo pela parte posterior, enquanto ele desliza em uma calha plana (LANGFORD, 2002, p. 243).

Com o aumento do número de etapas até a visualização dos resultados, o comprometimento com o processo se torna muito mais significativo e meticuloso do que no método digital, que tende a ser mais exploratório. As frustrações dos alunos com os erros cometidos foram compensadas pela enorme satisfação de acertos feitos “no escuro”, além de vivenciarem uma experiência única e aprofundada de aprendizagem em uma parte tão crucial da história da fotografia.

Por último, as ampliações no papel fotográfico seguiram os princípios descritos por Langford (2002), que afirma que estas “partem de estar com o laboratório bem organizado e uma compreensão básica dos seus materiais e procedimentos”. Ao mergulhar os papéis nos químicos, os alunos saíram com suas fotos reveladas e, junto delas, uma nova bagagem de conhecimento em seus bolsos.

Decorrente de indagações feitas aos alunos, observei que a maioria expressou que, embora o processo de revelação analógica tenha sido enriquecedor, a fotografia digital oferece maior agilidade e flexibilidade no aprendizado. O método analógico proporcionou uma compreensão mais detalhada e concreta de suas etapas, mas os resultados nem sempre foram satisfatórios, já que os erros só poderiam ser corrigidos com o início de um novo processo de captura.

Nesse sentido, a possibilidade de realizar ajustes imediatos e testes infinitos com a fotografia digital foi bastante valorizada, pois facilitou o controle sobre o resultado e acelerou o processo de aprendizagem. Isso vai ao encontro do que destaca Hoppe (2008), ao afirmar que fotografar com câmeras digitais não

apenas aumenta a paixão pela fotografia, mas também melhora significativamente a qualidade das imagens capturadas, enquanto o método analógico reforça a paciência e o comprometimento com o processo fotográfico.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das atividades desenvolvidas, observou-se como cada técnica, digital e analógica, despertou reações variadas nos alunos, desde frustração e ansiedade até satisfação e realização. A compreensão de conceitos fundamentais, como a fotometria, foi essencial para o progresso dos estudantes em ambas as técnicas, que enfrentaram e superaram desafios técnicos e criativos.

A fotografia digital instigou os alunos a experimentar diferentes composições e a obter resultados imediatos, proporcionando uma sensação de confiança e conforto durante o aprendizado. A flexibilidade e a possibilidade de correção instantânea contribuíram para uma aprendizagem mais ágil e menos intimidante, impactando positivamente sua evolução técnica. Por outro lado, a fotografia analógica trouxe uma dinâmica emocional mais complexa. A ausência de visualização imediata dos resultados gerou incertezas, exigindo maior atenção e precisão na captura das imagens. Este desafio transformou-se em uma oportunidade de aprendizado profundo, onde os alunos perceberam a importância de dominar os fundamentos antes de ver o resultado final.

Apesar do apreço demonstrado pelos estudantes pela técnica, durante as experiências práticas com câmeras digitais, muitos acabaram por exagerar no número de captura de fotografias, resultando em algumas composições pouco planejadas. Assim, no meio analógico, foram desafiados a vivenciar o processo fotográfico de forma mais lenta e meticulosa, onde a ineficiência no método de revelação dos filmes poderia resultar na ausência de negativos para ampliação, por exemplo. A expectativa de visualizar o resultado final é um fator crucial na experiência fotográfica, mas o planejamento cuidadoso da composição é fundamental para alcançar os resultados desejados.

Como lições aprendidas, destaco a importância de proporcionar aos alunos experiências que mesclam tecnologia e tradição. Ambas as técnicas, digital e analógica, trouxeram contribuições valiosas ao aprendizado, mostrando que, mesmo em um contexto amplamente digital, é interessante entender e vivenciar as origens e os processos clássicos da fotografia.

Futuras investigações podem explorar a integração de técnicas híbridas e a aplicação de outros métodos de concepção de composições fotográficas, como colagens ou fotografia publicitária.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LANGFORD, M. **Fotografia Básica**. Lisboa: Dinalivros, 2000.

HEDGE COE, J. **Guia completo de fotografia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

HOPPE, A. **Fotografia Digital Sem Mistérios**. 3. ed. Santa Catarina: Editora Photos, 2008.